

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura

Período de Análise: 01 a 30 de Setembro de 2008

Área Temática: PAA - SAN

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Globo Rural
Revista Isto é Dinheiro Rural

Assistente de Pesquisa: Karina Kato

Índice

Cesta básica recua até 11% em agosto, afirma Dieese – Denyse Godoy – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/09/2008.....	3
Josué, um brasileiro – Patrus Ananias – Folha de São Paulo – Opinião – 05/09/2008	4
Queda de alimentos tem limite, diz analista – Mauro Zfalón – Folha de São Paulo – Dinheiro – 06/09/2008.....	5
Até 2050, será preciso o dobro de alimentos, alerta ONU – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 10/09/2008.....	6
Segunda Quinzena	
Famílias do Semi-Árido terão água para produzir alimentos – Sítio Eletrônico do MDS – 15/09/2008.....	7
Alimentos têm deflação e IPCA-15 recua para 0,26% - Jacqueline Farid, Flávio Leonel e Francisco Carlos de Assis – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/09/2008.....	8
Campinas realiza seminário e lançamento de livro sobre alimentação escolar – Consea – 26/10/2008.....	9
G-5 QUER DISCUTIR PLANO PARA EVITAR ALTA DE PREÇOS MUNDIAIS – Folha de São Paulo – Brasil – 28/09/2008.....	10

Cesta básica recua até 11% em agosto, afirma Dieese – Denyse Godoy – Folha de São Paulo – Dinheiro – 02/09/2008

Os preços dos alimentos básicos recuaram em 15 de 16 capitais brasileiras no mês de agosto, segundo pesquisa realizada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos).

As maiores quedas se deram em Recife (-10,77%), em Natal (-10,73%) e em Fortaleza (-10,59%). Em São Paulo, a baixa foi de 4,35%, mas o custo da cesta de gêneros alimentícios essenciais na cidade é o segundo maior, de R\$ 241,15. A única cidade a registrar elevação foi Goiânia (1,15%). "A alta generalizada dos itens observada pelo menos desde novembro último foi interrompida", diz José Maurício Soares, coordenador da pesquisa de cesta básica do Dieese.

A queda se explica pela regularização das safras e pela desaceleração do preço das commodities agrícolas no mercado internacional. O feijão, por exemplo, caiu em 15 localidades -a maior baixa foi de 17,07%, em Recife. "No ano passado, esse produto sofreu com uma seca muito forte. Além disso, não havia estoque suficiente para suprir o consumo e a cotação do petróleo disparou, encarecendo os fertilizantes", diz Soares. "Mas os preços do feijão não recuaram o bastante, ainda. Têm espaço para voltar."

A queda do tomate também foi destaque no mês passado. Em Natal, chegou a 60%; em Vitória, a 55,56%; e, no Rio, a 53,48%. Mesmo assim, os preços continuam elevados: no período de um ano encerrado em agosto, o produto acumula alta de 40,74% no Rio Grande do Norte. "Apesar de não ter faltado tomate, o preço estava exagerado, daí as pronunciadas baixas no mês passado."

Todas as capitais viram o óleo de soja recuar também. Em 11 delas, a carne e o arroz caíram. Já o leite, que está na entressafra, avançou em sete cidades. Na avaliação de Soares, os preços tendem a seguir em queda até o final do ano. "O tempo está melhor do que em 2007, o que melhora a capacidade de produção."

Futuro - Os especialistas comemoram os indicadores que apontam um enfraquecimento das pressões causadas pelos alimentos, porém não vislumbram um cenário totalmente tranquilo para a inflação. "O componente especulativo dos preços das commodities agrícolas foi esvaziado", afirma Alcides Leite, professor de economia da Trevisan Escola de Negócios. "No entanto, o consumo continua crescente. Os preços não subirão demais e também não exibirão baixas tão grandes como a de agosto."

HÁ PESSOAS que se destacam por sua história de envolvimento com seu povo, por um profundo amor que nutre por sua gente e por fazer da busca de soluções para os problemas coletivos dessa gente a sua razão de vida. Essas pessoas se vão, mas permanecem presentes, com seu legado, enraizadas na cultura do país, verdadeiras representantes de uma nacionalidade que se projeta para o mundo. Josué de Castro é uma dessas pessoas. Certa feita, outro notável brasileiro, o professor Milton Santos, ao se referir a ele, disse que um dos traços fundamentais de Josué era a clarividência. Uma clarividência, alertava, que se adquire não só pela intuição, "mas sobretudo pelo estudo". Destacava sua capacidade de ver "a parte do presente que se projeta no futuro". Josué de Castro era médico. Foi embaixador do Brasil na FAO até que a ditadura cassou seus direitos políticos. Mas foi principalmente um grande estudioso e conhecedor da geografia humana brasileira. Podemos dizer que foi ele quem primeiro disse o que milhares de brasileiros sabiam pelo árduo sacrifício diário: no Brasil, há fome. Para os que já sabiam, a denúncia de Josué significava que, pela primeira vez, o problema deles entrava para a pauta do Brasil que não passa fome, porque, até então, o tema era tabu, não só aqui, mas no mundo. E isso também Josué denunciou. Em trabalho publicado no final dos anos 1960 na revista "Civillità delle Machine", Josué de Castro alertava que a fome não era um problema gerado pela explosão demográfica do pós-guerra e que existia bem antes disso. A carência alimentar, segundo pontuou, está ligada à concentração de bens, às dificuldades de acesso aos alimentos. Na sua observação perspicaz, o mundo só se voltava para o tema da fome a partir do pós-guerra por uma razão: "Não se falava do assunto que era vergonhoso: a fome era tabu". A fome, tratada por ele como "a expressão biológica de males sociológicos", havia sido estudada e denunciada por ele no seu livro "Geografia da Fome", publicado em 1946, marco dos estudos da área e até hoje uma referência aos estudiosos do tema, ficando como testemunho da clarividência percebida por Milton Santos. No ano em que celebramos o centenário de nascimento desse brasileiro Josué, lançamos, no Ministério do Desenvolvimento Social, o Prêmio Boas Práticas Josué de Castro, para incentivar políticas e iniciativas na área de segurança alimentar e nutricional de governos municipais e estaduais que se destacam no combate à fome e à desnutrição. Não por acaso, o prêmio é lançado durante a plenária do Consea (Conselho Nacional de Segurança Alimentar) no Recife, terra natal do nordestino Josué de Castro. A obra de Josué tem importância científica e social e provocou no país um movimento importante a partir da sociedade civil e, hoje, pelo compromisso assumido pelo presidente Lula com esse histórico de luta, o direito à alimentação é objeto de política pública. Foi ele quem pautou o assunto na nossa agenda nacional e abriu caminhos para que a alimentação entrasse no campo dos direitos, como estamos fazendo atualmente. A decisão do governo de articular políticas de várias áreas em torno da estratégia, intitulada Fome Zero, de facilitar e garantir o acesso à alimentação, sobretudo para a população mais pobre, integra o esforço de implementar uma política nacional de segurança alimentar e nutricional -um trabalho com desdobramentos e aperfeiçoamentos constantes. Em 2006, o presidente sancionou a Losan (Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional). Sensível ao tema, o Congresso foi ágil na apreciação e aprovação do projeto, elaborado pelo Executivo com valiosas contribuições do Consea. A lei é um avanço importante, pois prevê a criação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, reforçando a organização das políticas sociais em sistemas, com interlocução entre si, fortalecendo as políticas públicas. Nosso desejo é que as políticas que

estão sendo criadas a partir dessa orientação governamental ou em torno de uma política nacional de segurança alimentar e nutricional ampliem as propostas de mudança em nossa sociedade preconizadas não só por Josué, mas por tantos brasileiros, como Herbert de Souza -Betinho-, dom Hélder Câmara, entre outros, anônimos ou não. Os cientistas costumam afirmar: "Se vi mais longe, foi porque estava sobre ombros de gigantes". Josué de Castro foi um desses gigantes que ora nos permitem enxergar mais alto e mais longe. E isso nos confere também o desafio e a responsabilidade de transformar em realidade o sonho de um país sem fome e mais justo. Estamos conseguindo. *PATRUS ANANIAS, 56, advogado, é o ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Foi prefeito de Belo Horizonte (1993-1996).

Queda de alimentos tem limite, diz analista – Mauro Zfalón – Folha de São Paulo – Dinheiro – 06/09/2008

A queda nos preços dos alimentos, apontada atualmente pelos índices de inflação, tem limites. Mesmo com esses recuos, o consumidor vai continuar sentindo no bolso a forte pressão dos preços dos alimentos, que continuam em patamares elevados. Além disso, alguns produtos básicos, como arroz e feijão, após recuo no início deste semestre, retomaram o caminho de alta nas últimas semanas no campo, tendência que os índices de inflação devem mostrar em breve.

O cenário econômico que se desenhou nesta semana também pode ser um freio à queda interna de alguns alimentos, que têm como base de negociação o dólar, agora mais valorizado diante do real. São os casos do óleo de soja e do trigo. A indefinição quanto à produção e aos estoques mundiais de grãos, devido ao andamento da safra nos EUA, também traz incertezas sobre os preços.

"A fase de queda de preços dos alimentos já está perdendo fôlego e não há uma tendência dessa continuidade", na avaliação de Paulo Picchetti, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor Semanal da cidade de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas. Os alimentos tiveram mudança de preço relativo, e ficaram mais caros, mas o lado positivo foi o aumento da oferta, diz Picchetti.

Cada produto deve ter uma reação diferente. Estudo feito pelo economista mostra que a alta dos alimentos ocorrida a partir de 2007 foi, na verdade, uma recomposição dos baixos preços ocorridos em 2005 e em 2006, quando os consumidores foram beneficiados. Os aumentos dos preços no atacado nesse período foram bem mais fortes do que os do varejo, mas a chegada da pressão no bolso dos consumidores ocorreu de forma muito mais acentuada em alguns produtos do que em outros.

O estudo de Picchetti tomou como base produtos que representam 30% do peso dos alimentos no IPC. Essa volta do aumento dos preços do arroz no campo, que será refletida

pelo atacado, pode demorar até seis meses para chegar à mesa do consumidor. E apenas 58% dos reajustes do atacado serão repassados para o varejo.

Pressão maior - Já os aumentos nos preços do feijão no atacado vão demorar apenas um mês para chegar aos consumidores, mas nesse caso a pressão é bem maior: 89% da alta do atacado vai para a mesa do consumidor.

O maior repasse ocorre no setor de carne bovina. Um mês após a alta dos preços no atacado, o consumidor recebe 91% desse aumento. Já o trigo tem um dos menores repasses. Apenas 18% do aumento do cereal é repassado para o pãozinho. O analista Carlos Cogo diz que "o arroz terá uma gradual e lenta recuperação" e os preços, que haviam caído após o pico de maio, podem voltar aos patamares daquele mês. Não há risco de desabastecimento e o país termina o ano com estoques suficientes para 30 dias, mas há demanda, segundo ele.

Um dos sinais dessa demanda é que todo o arroz colocado em leilão pelo governo tem sido arrematado. Outro produto que chegará mais caro à mesa dos consumidores nas próximas semanas é o feijão, segundo o analista Vlamir Brandalitze. "A grande safra, que começa a ser plantada, depende de chuvas, mas há seca em algumas regiões." Com isso, os preços no campo já atingem R\$ 190 por saca para o feijão carioca. Brandalitze não vê muita folga também nos preços da soja e, conseqüentemente, nos do óleo de soja. O Brasil está na entressafra e o dólar ficou mais valorizado. Sobre o milho, o analista não acredita em novas quedas. O produto chegou nos mesmos patamares dos de exportação. Derivados de soja e de milho são importantes fatores de custos na produção de carnes, que também pararam de cair nas últimas semanas.

Até 2050, será preciso o dobro de alimentos, alerta ONU – Jamil Chade – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 10/09/2008

O mundo terá de aumentar a produção de alimentos em 50% até 2030 e dobrar até 2050 se não quiser sofrer com a escassez nas próximas décadas. O alerta é do relator especial da Organização das Nações Unidas (ONU) para o direito à alimentação, Olivier de Schutter. Hoje, ele apresentará o resultado de seu estudo e alertará para os riscos da especulação no setor de commodities e para a alta nos preços de alimentos.

Ele lembra que o recente aumento nos preços de alimentos já afetou 100 milhões de pessoas. Uma alta de 20% até 2025 colocaria outros 440 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza. "Um obstáculo para o já lento progresso em lidar com a má nutrição será inevitável."

Ele apelará hoje aos países para que uma nova estratégia mundial seja criada para evitar uma crise. Mesmo antes da crise, 852 milhões de pessoas sofriam com a falta de alimentos. O relator aponta ainda que apenas incrementar a produção não resolverá a crise. Hoje, dois bilhões de pessoas vivem com deficiências de micronutrientes e uma nova estrutura de distribuição e acesso aos alimentos precisará ser criada. "Produzir alimentos

não vai aliviar a fome dos mais pobres. Precisamos também aumentar a renda daqueles que a produzem”, afirma o documento.

A ONU admite que o setor agrícola precisa de investimentos privados. Mas um sistema precisa garantir a inclusão dos pequenos agricultores no comércio. O relator cita um estudo do Banco Mundial que aponta para o fato de que o Brasil, Colômbia e Vietnã reduziram seus ganhos com a venda de café entre os anos 1990 e 2002, enquanto o valor das vendas duplicaram nesse período.

A especulação no setor de commodities, segundo a ONU, seria um dos pontos que precisariam ser atacados com urgência. Entre as soluções, a entidade sugere a criação de uma reserva internacional para ajudar países afetados pela especulação nos alimentos. Outra opção seria a criação de um seguro que compense pela alta nos preços de alimentos.

Um acordo na Rodada Doha também seria uma solução. Mas a ONU alerta que não será qualquer acordo que ajudará a combater a fome. “Ainda é incerto se as negociações lançadas em Doha vão dar uma resposta satisfatória”, afirmou. Um dos temores é de uma liberalização apenas abra mercado aos grandes produtores, afetando os pequenos agricultores em países emergentes.

Famílias do Semi-Árido terão água para produzir alimentos – Sítio Eletrônico do MDS –Dimas Ximenes - 15/09/2008

A primeira água obtida a partir da cisterna foi para beber. Agora, muitas famílias de baixa renda do Semi-Árido brasileiro que foram beneficiadas com o Programa de Cisternas - e hoje tem água para consumir, cozinhar e utilizar na higiene pessoal - terão a segunda água, para produção de alimentos. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) publicou edital que vai destinar R\$ 12 milhões para apoiar projetos que visem a captação e armazenamento de águas das chuvas para uso na agricultura familiar.

O diretor da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SESAN) do MDS, César Medeiros, explica que a água das cisternas domiciliar não é suficiente para as famílias usarem na agricultura. “Por isso, decidimos ampliar o atendimento do programa para as famílias terem uma segunda água, que possa ser utilizada no cultivo de alimentos e, dessa forma, melhorar a segurança alimentar e nutricional”.

O edital SESAN/MDS nº 15/2008 é destinado aos Estados do Semi-Árido. Os projetos deverão contemplar a implementação de tecnologias testadas, de baixo custo e de comprovada eficiência. Entre as tecnologias que poderão ser usadas, por exemplo, tem a cisterna adaptada para a roça, a barragem subterrânea e o tanque de pedra.

Entre os critérios para a classificação dos projetos, serão analisados a adesão ao Programa Garantia Safra do MDA; apoio à estruturação e funcionamento do Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA); atendimento do Programa Bolsa Família; atendimento do Benefício de Prestação Continuada (BPC); frequência de agricultores familiares (PRONAF A e B), cobertura do Cadastro Único no Estado, apoio

aos programas ou ações de convivência com o Semi-Árido e/ou às tecnologias sociais de aproveitamento hídrico.

As propostas serão avaliadas por uma comissão formada por representantes do MDS, da Associação Brasileira de Captação e Chuva (ABCMAC), da Rede de Tecnologia Social (RTS), do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e da Agência Nacional de Águas (ANA). O prazo final para entrega das propostas é **dia 6 de outubro**. O resultado será divulgado dia 17 de novembro.

Outras informações podem ser consultadas no edital, publicado dia 05/09 no Diário Oficial da União e disponível no site do Ministério: <http://www.mds.gov.br/programas/editais>.

Cisternas - A cisterna é uma tecnologia popular para a captação de água da chuva e representa solução de acesso a recursos hídricos para a população rural dispersa do Semi-Árido brasileiro. Construídas com placas de cimento, elas permitem armazenar 16 mil litros de água, o suficiente para o uso de uma família de cinco pessoas durante o longo período da seca que se estende por até oito meses.

Desde 2003, o MDS já construiu 203 mil cisternas no Semi-Árido. Neste ano, o MDS repassará mais R\$ 54 milhões para este programa.

[Clique aqui e confira o Boletim de Rádio - "Famílias do Semi-Árido terão água para produzir alimentos"](#)

Cronograma do edital

Data final para apresentação das propostas: 06 de outubro

Divulgação dos resultados: 17 de novembro

Data limite para entrega da documentação das propostas selecionadas: 31/11

Alimentos têm deflação e IPCA-15 recua para 0,26% - Jacqueline Farid, Flávio Leonel e Francisco Carlos de Assis – Estado de São Paulo – Economia e Negócios – 25/09/2008

Os alimentos abandonaram o posto de vilões da inflação - tiveram deflação de 0,25% em setembro e foram os principais responsáveis pela desaceleração do Índice de Preços ao Consumidor - 15 (IPCA-15) de 0,35% em agosto para 0,26% neste mês. Apesar do recuo, os reajustes de preços em serviços como aluguel, condomínio e água pressionaram os não-alimentícios, cujo maior ritmo de altas preocupa economistas.

Ao contrário dos alimentos, o grupo dos não-alimentícios teve uma pequena aceleração, com alta de 0,41%, ante 0,38% em agosto. O IPCA-15, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma espécie de prévia do IPCA, índice referência para as metas de inflação do governo. Os dois indicadores diferem apenas no período de coleta.

O IPCA-15 de setembro veio pouco acima da mediana das expectativas dos analistas do mercado financeiro, de 0,23%. Gian Barbosa, analista da Tendências Consultoria, disse que esperava recuo mais forte dos alimentos, o que não ocorreu por causa, especialmente, da pressão dos preços de refeição fora do domicílio (1,13%). Ele

destacou que os demais preços, sobretudo vinculados a serviços, “não mostraram um desempenho tranqüilo”.

O economista Adriano Lopes, do Unibanco, explicou que as principais pressões de preços no IPCA-15 foram dadas por produtos mais sensíveis ao aquecimento da demanda, sobretudo os vinculados a serviços. Para ele, é possível que ocorra uma nova aceleração de preços no quarto trimestre.

A mesma perspectiva para o fim do ano foi revelada em documento da LCA Consultores assinado pelos economistas da instituição, para quem “a diluição de pressões inflacionárias segue lenta e irregular”. Apesar das incertezas, a avaliação é de alguma aceleração nas altas de preços no quarto trimestre com posterior desaceleração, gradual, em 2009.

Em setembro, a maioria dos produtos alimentícios teve deflação, com destaque para tomate (-38,41%), leite pasteurizado (-4,48%), batata-inglesa (-8,84%), feijão carioca (-4,24%), pão francês (-1,08%), óleo de soja (-4,08%), arroz (-1,67%), macarrão (-1,50%) e feijão preto (-2,76%).

Mas, mesmo com a queda, o grupo de alimentação e bebidas acumulou alta de 10,52% no IPCA-15 no ano. Entre os produtos do grupo de alimentos que tiveram aumento, além da refeição fora do domicílio, estão frutas (3,70%), cerveja (1,30%) e cebola (6,11%).

Entre os não-alimentícios, as principais pressões ficaram com cigarro (3,67%), telefone fixo (0,85%), empregado doméstico (0,94%) e taxa de água e esgoto (1,05%). Subiram também aluguel residencial (0,62%), condomínio (0,66%), produtos de higiene pessoal (0,90%), artigos de limpeza (1,66%), cabeleireiro (1,06%) e gasolina (0,30%).

Campinas realiza seminário e lançamento de livro sobre alimentação escolar – Consea – 26/10/2008

O Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital), órgão vinculado ao governo paulista, promove nesta quarta e quinta-feira (24 e 25), em Campinas (SP), a 10ª edição do Seminário de Alimentação Escolar.

O evento discute avanços e perspectivas do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Haverá apresentação de trabalhos técnicos, atividade teatral e sorteio de brindes.

Nesta quarta, às 14h30, foi lançado o livro "O professor e a alimentação escolar: ensinando a amar a terra e o que a terra produz", de autoria de Cristina Boog, pela Editora Komedi. O livro discute temas que fazem parte do cotidiano escolar, como a responsabilidade de professores na educação alimentar e nutricional, o Direito Humano à Alimentação e a promoção da alimentação saudável.

Segundo a autora, "o livro convida a refletir sobre possibilidades, limites e contradições que permeiam as ações de promoção da alimentação saudável nas escolas".

Serviço - X Seminário de Alimentação Escolar Data: quarta e quinta-feira (24 e 25/09) ;Horário: 8h30 a 17h30 ; Local: Instituto de Tecnologia de Alimentos, Av. Brasil, 2880, Jardim Brasil, Campinas-SP ; Assessoria de Comunicação; (61) 3411.3349 / 2747 www.presidencia.gov.br/consea ascom@consea.planalto.gov.br

G-5 QUER DISCUTIR PLANO PARA EVITAR ALTA DE PREÇOS MUNDIAIS – Folha de São Paulo – Brsil – 28/09/2008

O G-5 (Brasil, México, Índia, África do Sul e China) agendou ontem uma reunião para discutir propostas para combater a alta dos preços dos alimentos no mundo. O encontro será realizado entre 17 e 21 de novembro, em São Paulo, em paralelo à I Conferência Internacional de Biocombustíveis promovida pelo presidente Lula. Segundo o Ministério de Relações Exteriores, cerca de 190 países participarão.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei e Ademir A. Cazella

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato e Silvia Zimmermann

Secretária
Diva de Faria

oppa **Observatório de Políticas
Públicas para a Agricultura**

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda

Apoio



actionaid



IFCA

nead

Ministério do
Desenvolvimento Agrário

